



WEBINÁRIO DA ABC | DESAFIOS DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NA PANDEMIA
PERGUNTAS E RESPOSTAS

***Mirco Solé Kienle, Universidade Estadual de Santa Cruz:** *Nós, professores que estamos na casa dos 40 a 50 anos, nos achamos digitais, mas não somos, se comparados com os nossos alunos. As Universidades não deveriam fazer um esforço maior para nos oferecer cursos para aprender essas ferramentas tecnológicas relacionadas a EAD?*

Carlos B.: Concordo plenamente, muita capacitação não apenas para aprender a utilizar os recursos digitais, mas também oferecendo sugestões e soluções para a dinâmica educacional no espaço virtual que já funcionaram na Ead.

Marcelo Knobel: Essa é uma agenda importante, as universidades precisam começar a realizar oficinas e cursos imediatamente. As muitas possibilidades das aulas mediadas pela tecnologia exigirão a atualização dos docentes e de toda a universidade. Não se trata, porém, apenas de uma questão técnica (lidar com câmeras, plataformas e programas), mas de pensar em abordagens pedagógicas adequadas para a educação com uso da tecnologia.

***Pensador Pensante:** *Qual o percentual de evasão na educação remota da Unicamp?*

Marcelo Knobel: Ainda não dispomos de um dado consolidado sobre o tema.

***Frederico Marianetti Soriani:** *Acho que a iniciativa das universidades paulistas é sensacional; no entanto, temos que levar em consideração os recursos envolvidos nesta adequação. Compra de modems, chips de celulares, computadores e equipamentos para acesso à internet. Segundo o Globo de hoje, a Unicamp investiu alguns milhões. Será que as Federais têm esta verba?*

Marcelo Knobel: Esse trabalho da Unicamp foi um resultado de investimento direto, mas também de muitas doações e da mobilização de voluntários que consertaram e atualizaram computadores usados, por exemplo. Cada instituição terá desafios e dificuldades diferentes nesses dois aspectos, da verba e da mobilização. O custo não foi de milhões, foi muito abaixo disso.

***Prof Carlos:** *Qual o papel de aula em videoconferência nesse ensino remoto?*

Marcelo Knobel: É um recurso que precisa ser bem pensado, para que a aula ministrada a distância não se torne uma “live” do YouTube. Videoconferências trazem grandes vantagens, como a conexão com nomes de universidades distantes a custo zero ou muito baixo, mas o ensino mediado pela tecnologia tem muitas possibilidades de interação, atividades, medição de resultados.

Carlos B.: Excelente pergunta, mas minha resposta pode ser um pouco decepcionante... Embora já a algum tempo utilizamos vídeo conferências em Ead, com ferramentas tais como o adobe ou o *big blue bottom*, apenas recentemente as ferramentas tipo *google meet* ou *zoom*, mais confiáveis e de baixo custo, têm sido disponibilizadas. Além disto, não estamos falando neste momento de um ensino de escala com apoio de tutores, mas turmas relativamente

pequenas para os padrões usuais de Ead. Por conta disto, neste contexto, estamos ainda explorando o recurso... Mas vamos lá, vou arriscar alguns palpites: acho que a vídeo conferência não deve substituir a aula presencial, de forma literal, mas ser utilizada com criatividade, oferecendo algum tempo de conteúdo, mas não duas horas de apresentação de trabalhos pelos alunos e outras dinâmicas, um exemplo é a “sala de aula” invertida. E sempre pensando no contexto de outros elementos instrucionais da semana que resultem em um quadro que desperte interesse no aluno. Vou estar fazendo isto no próximo semestre na disciplina de Química Quântica do IQ/UFRJ, vamos ver como funciona, seria legal compartilharmos nossas experiências, meu email é carledubiel@gmail.com

***Isabela Cury Coutinho: Implementar a EAD na região Norte, especialmente no interior, é algo que requer boa vontade política. Não basta apenas o desejo das Federais. Como conceder acesso à internet de banda larga para comunidades isoladas ou do interior?**

Marcelo Knobel: Tem toda razão. Não dá para comparar o acesso à internet em uma cidade como Campinas e em comunidades isoladas. Não existe um caminho fácil ou um caminho único, mas de imediato imagino que a pressão junto ao poder público pode vir acompanhada da busca por parcerias com a sociedade civil (empresas locais, gigantes tecnológicos, ONGs) para que o acesso se torne possível.

Carlos B.: Muito difícil, mas vejo que as IES públicas da região estão tentando, tive o privilégio de estar participando, nesta segunda-feira, da mesa de abertura de uma semana de debates sobre o tema com o nome Universidade Viva da Universidade Federal Rural do Amazonas, e esta questão foi recorrente, vi o pessoal muito comprometido e tentando encontrar soluções. Eventualmente, pode-se lançar mão de outros elementos que não sejam apenas no espaço virtual.

***Lina Zingali: Não seria interessante fazer uma parceria com os provedores de internet nesse momento de pandemia?**

Carlos B.: Sim, parece uma excelente medida.

Marcelo Knobel: Parceria é uma das palavras-chave das medidas tomadas durante a pandemia. No caso da Unicamp, houve parcerias com operadoras para a obtenção de pacotes de internet mais baratos para estudantes.

***Marcelo Tragtenberg: Pergunta técnica: qual o papel da aula invertida via videoconferência no ensino remoto emergencial?**

Marcelo Knobel: Bom ponto. Uma universidade como a Unicamp tem uma variedade muito grande de cursos e as aulas puramente expositivas podem funcionar muito bem ou muito mal a depender da disciplina, do conteúdo, do perfil do professor. As aulas invertidas estão entre as abordagens possíveis para ampliar o engajamento dos alunos.

Carlos B.: A metodologia de sala de aula invertida é ótima e me parece bem adequada para ser utilizada como a “contrapartida presencial” desta metodologia, realizada por vídeo conferência. Tentamos utilizar ela no processo de tutoria presencial no Cederj, com algum sucesso. Mas esta metodologia requer bastante disciplina dos alunos e liderança do professor, enfim, um excelente processo, mas com algumas dificuldades de implementação.

Secretária Geral Sbee: *O grande desafio - como organizar toda essa agenda do ensino para o futuro, com todos os atores?

Marcelo Knobel: De fato, um grande desafio. E o primeiro passo dessa organização é aprender com as experiências emergenciais que, mesmo imperfeitas, oferecem boas ideias para a universidade no período pós-pandemia em diversos temas. É importante avaliar e receber retorno das boas práticas.

Carlos B.: Sim, um enorme desafio. Me parece que uma das chaves deste processo é a capacitação dos professores; outra é o compromisso de nossos professores com seus alunos; uma terceira é soltar a criatividade e inovar; e uma quarta é prestigiar esta atitude pelos dirigentes das IES. Uma coisa boa, que tenho observado, é que uma vez que o professor comece a utilizar estas metodologias, de uma maneira geral ele gosta, e começa a criar coisas boas, e assim vai se processando uma mudança cultural que era lenta, mas que possivelmente esta pandemia acelere.

Carlos Augusto Figueiredo: *E as práticas das licenciaturas, como ficam?

Marcelo Knobel: Esse é um desafio importante. Alguns estagiários conseguem acompanhar algumas atividades didáticas *on-line*, mas certamente nesse caso será necessário aguardar a possibilidade de retorno das atividades presenciais.

Carlos B.: Conseguimos resolver isto bem no caso da Ead, em particular no Cederj, mas com participação presencial dos nossos alunos das licenciaturas nas salas de aula das escolas, um formato misturando o que fazemos nos cursos presenciais nos estágios supervisionados nas escolas com uma dinâmica de orientação pelos professores das universidades com Ead. Deu muito trabalho para que todos os componentes destas dinâmicas se encaixassem, mas funcionou bem. Nestes momentos de isolamento social, melhor deixar isto para depois da pandemia e não tensionar essa difícil discussão do possível retorno das aulas nas escolas de ensino básico, que tenho vivenciado no Conselho Estadual de Educação do RJ.

*** Helena Nussenzveig Lopes: *Será que o Marcelo Knobel poderia comentar as resistências na Unicamp, tanto de docentes quanto discentes, a aderir a ensino remoto? Houve resistência significativa? Que tipo de argumento e/ou de suporte tecnológico foi usado/oferecido para vencer essas resistências?***

Marcelo Knobel: Dado o ineditismo da situação, as reações foram as mais diversas. Alguns docentes não se sentiam preparados para uma aula *on-line*, mas no geral acabaram se adaptando bem. Alguns setores de estudantes também sugeriam a suspensão de atividades. Há muito a ser aperfeiçoado, mas houve uma compreensão de que se trata de ensino remoto emergencial e não do cenário de ensino digital mais elaborado. O segredo, nesse caso, é muito diálogo e uma compreensão da realidade que estamos vivendo, que se impôs.

Carmela Maria Polito Braga: *Vocês não acham viável que a infraestrutura da UAB nos polos presenciais seja disponibilizada aos alunos da educação presencial, nesse momento, para acesso aos materiais e plataformas de ensino remoto?

Carlos B.: Acho que sim, especialmente para a realização das avaliações, mas desde que resguardados todos os cuidados do isolamento social.

Carolina Morgante: *Não seria um bom momento para discutir a atual passividade dos alunos no processo de aprendizagem no ensino superior? A educação remota emergencial (e

até mesmo o clássico EAD) exige uma certa autonomia para o aprendizado (guiada, claro). No geral, falta uma autonomia mínima até mesmo no ensino presencial.

Marcelo Knobel: Trata-se de uma discussão importante. As experiências desse período de exceção, com tantas novidades e dificuldades, abrem muitos caminhos para repensar o engajamento dos estudantes.

Carlos B.: Sim, excelente momento para focar na autonomia do aluno. Um grande mestre da Ead, Otto Peters, principal responsável pela criação da Fern Universität da Alemanha, tinha isto como um mantra, repetia isto a exaustão: aprendizagem autônoma.

Helen Gisaane: *Há uma preocupação muito grande entre os docentes pela proximidade que esta modalidade ganha com a desregulamentação das relações do trabalho, em particular em termos de espaço e duração da atividade. Como enxergam esta evolução?

Marcelo Knobel: É um tema fundamental. A discussão sobre novas abordagens pedagógicas precisa ser acompanhada da preocupação com as relações de trabalho, uma vez que a dinâmica das atividades dos docentes pode mudar muito, em pontos como a carga horária na preparação das aulas.

Carlos B.: Perigosa por um lado se mal utilizada, como é o caso de algumas IES de grandes grupos privados, mas, ao contrário, se bem realizada, a Ead toma muito tempo e deveria requerer um esforço equivalente.

Denise Siqueira: *Como repensar as avaliações neste novo formato?

Carlos B.: Pergunta difícil. Utilizamos, no caso da Ead, um pouco de avaliação formativa e muito de avaliação somativa nos polos regionais como avaliações presenciais. Ainda não temos, até onde me conste, aplicativos que garantam a autoria, para um público onde 100% não tem computadores conectados em boa banda. Acho, e é um achômetro... que teremos de utilizar mais avaliações formativas, o que pode ser bom e, de forma emergencial, avaliações somativas mais focadas em trabalhos ou provas com consultas. É um dos pontos mais frágeis, no meu entendimento, deste momento de pandemia, precisaremos ser criativos, pois será por pouco tempo. Vale a pena saber do Marcelo como estão enfrentando isto na Unicamp.

Marcelo Knobel: Em um futuro breve, de aprimoramento da educação mediada pela tecnologia, as avaliações deverão se tornar mais inteligentes, com riqueza de dados que possibilitem não apenas um enfoque individual, mas um panorama coletivo sobre o aprendizado. Na experiência atual, emergencial, é importante pensar de forma um pouco mais flexível e ampla. Mais importante que notas é ter engajamento nas aulas, nos trabalhos, por exemplo.

Silvia Gatti: *Quais as ações que têm sido feitas no sentido de acompanhar/cuidar da saúde dos docentes nesse processo?

Marcelo Knobel: Estamos preparando uma ação específica para docentes junto ao nosso Serviço de Apoio Psicológico e Psiquiátrico, e com o Cecom, o nosso centro de atenção de saúde da comunidade.

Maria Aparecida Silva Alves, da Universidade Federal de Santa Catarina: *Até o momento não foi falado sobre os discentes no sentido de estarem preparados para estudar na modalidade a distância. Lembro que em todos os anos letivos anteriores à universidade, são

presenciais e não é estimulada a pesquisa, ser auto didata e ter disciplina para estudar sem que tenha de ir à escola. Como cobrar esses posicionamentos na universidade?

Marcelo Knobel: Os alunos, como toda a universidade, estão lidando com uma situação nova e emergencial, que traz dificuldades, mas também ensinamentos para todos os lados. É preciso valorizar esses aprendizados. Na volta a uma normalidade possível, essa experiência deverá servir para aprimorar os cursos, a partir de questões como esta, da construção de diferentes caminhos de aprendizado. Não existe uma resposta pronta, mas o primeiro passo é ouvir os envolvidos.

Carlos B.: No Cederj criamos um curso que os estudantes fazem antes mesmo de iniciar seus cursos, sobre a dinâmica de estudar com Ead, tais como disciplina, planejamento, etc... Chamamos este curso de Gedai. Acho que não temos tempo útil para implementar estes recursos nestes tempos de pandemia, mas por outro lado, estaremos utilizando intensamente encontros por vídeo conferencia, o que não foi intensamente utilizado nos cursos de graduação da Uab, e nestes espaços os professores podem ajudar os estudantes neste novo processo.